



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA**

SABRINA NEVES DA SILVA

VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM CONTOS DE CRISTINA DE LA CONCHA

**MONTEIRO-PB
2017**

SABRINA NEVES DA SILVA

VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM CONTOS DE CRISTINA DE LA CONCHA

Artigo apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Espanhola.

Área de Concentração: Literatura, sociedade e violência.

Orientador: Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves

**MONTEIRO-PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586v Silva, Sabrina Neves da.
Violência de gênero em contos de Cristina de la Concha
[manuscrito] : / Sabrina Neves da Silva. - 2017.
37 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Femicídio. 2. Cristina de la Concha. 3. Mulher na literatura. 4. Literatura hispano-americana. 5. Mulher e Patriarcalismo.

21. ed. CDD 305.42


SABRINA NEVES DA SILVA

VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM CONTOS DE CRISTINA DE LA CONCHA

Artigo apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Espanhola.

Aprovada em: 15/12/2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Me. Simone dos Santos Alves Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Maria José e Luiz Bernardo, meus pais, pelo incentivo, a compreensão, sempre juntos. Ao meu esposo, Inaldo Júnior, pelo apoio sempre bem-vindo. E a Deus, por tudo que me proporcionou nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Ao final de uma conquista, não só por escrever este trabalho, mas, por estar concluindo esses anos de caminhada na UEPB-CCHE, é gratificante recordar os obstáculos vencidos. E, por isso, quero lembrar aqui algumas pessoas que fizeram parte disso e, de alguma forma, contribuíram para meu crescimento profissional, às quais agradeço.

Ao meu orientador, o Professor Dr. Wanderlan da Silva Alves, pelo apoio, por acreditar em mim e pelas cobranças necessárias para esse trabalho se concretizar.

A meu esposo, Inaldo Júnior, que sempre me apoiou e me mostrou que posso acreditar em meus sonhos.

A meus pais, Maria e Luiz Bernardo, pela paciência e pelas palavras de incentivo. Orgulho-me de poder estar com vocês nesta conquista. Aos meus irmãos, Linicker e Alan, pelas risadas, apoio e amizade.

A toda minha família, em especial, Vovó Julieta e Vovó Lurdinha, por serem mulheres guerreiras, nas quais me inspiro.

Agradeço às minhas colegas de trabalho Eridan Acioli, Robervânia Melo e Teresa Andrade, pelos exemplos de vida e pelo carinho.

A todos os professores da minha vida, que sempre deixaram uma parcela de sabedoria e conhecimento do qual eu nunca poderei esquecer. Aos professores da universidade: Cristiane Agnes Stolet Correia, Márcio dos Santos Gomes, Diego José Alves Alexandre, Fábio Marques de Souza, Gustavo Enrique Castellón Agudelo, Marcelo Medeiros da Silva, Joana Dar'k Costa, Amanda Prata, Amanda Cunha, Otacílio Gomes, Dalila Gomes da Silva e tantos outros nomes que, por não serem mencionados, não deixam de ser importantes, agregando conhecimento e experiência à minha caminhada.

Às minhas amigas, surgidas em meio a tudo isso, amigas para uma vida: Rubiane Maciel, Júlia Silva, Kaliny Alves e Gabriela Gomes, que estão em meu coração para sempre. E a tantos outros que não mencionei amigos e colegas de universidade. Vamos lutar juntos por um só objetivo. E, por fim, agradeço a Deus, pelo fôlego da vida. Obrigada!

“Estos cuentos son mi protesta contra el silencio, mi denuncia del abuso sexual al ponerlo sobre la mesa para que vea como lo piensan los abusadores y lo terrible que es. El final sorpresivo lo muestra. Expresarlo, manifestarlo, dibujarlo con su contorno y sus matices es como una vacuna, un preventivo, una valla que ahuyenta a los depredadores sexuales que suelen abstenerse cuando se sospecha de ellos” (DE LA CONCHA, 2010: 53).

SUMÁRIO

1 Introdução	9
2 Sobre mulheres, violência e escrita na América Latina atual	11
3 <i>Historia de una perdida y otros cuentos</i>	17
4 Mulher como objeto de prazer na sociedade patriarcal	22
5 Relações de confiança X Violência	27
6 A banalização da violência na sociedade	31
7 Considerações Finais	34
Referências	35

VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM CONTOS DE CRISTINA DE LA CONCHA

Sabrina Neves da Silva

RESUMO

Este trabalho propõe-se analisar a violência de gênero no México representada nas situações dramáticas dos contos de *História de una perdida y otros cuentos* (2010), de Cristina de la Concha. Faz-se um breve comentário sobre o feminicídio na América Latina e sobre como a cultura patriarcal influencia a violência física, psicológica e sexual contra as mulheres representadas nas narrativas. A narrativa aponta a atmosfera caótica acerca do padrão normativo sobre a mulher na sociedade, do que emerge mostra uma crítica provocadora de perturbações privadas e públicas, nas histórias narradas.

Palavras-chave: Feminicídio; Cristina de la Concha; Mulher na literatura; Literatura hispano-americana; Mulher e Patriarcalismo.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe ser um estudo sobre a mulher e a violência contra a mulher, nos contos de *História de una perdida y otros cuentos*, de Cristina de la Concha, tendo como principal objeto de estudo a violência de gênero e um tipo específico dele, o feminicídio, no livre em questão, se associa aos eventos envolvendo Ciudad Juárez, no México, e a violência contra a mulher, historicamente e, também, nos dias atuais. Os contos tratam do universo muitas vezes oculto da violência de gênero, nos âmbitos privado e público da sociedade. Cristina de la Concha cria ambientes de intimidade e “coloca o dedo na ferida”, ao tratar de algumas perturbações que estão camufladas pela sociedade: são contos breves que levam o leitor da calma ao espanto, do pré-julgamento à total perplexidade diante de atos frequentes na sociedade patriarcal, como estupros, culpabilização da vítima, violência doméstica (física e simbólica), etc. A linguagem utilizada nos contos mostra o íntimo da família patriarcal, assim como outras áreas da sociedade, seja nas relações de trabalho em uma empresa ou um julgamento num tribunal. Tendo em vista o assunto delicado e seus tratamento, por vezes,

invisibilizado na sociedade, Cristina de la Concha constrói os contos com doses de humor sarcástico e neles coloca, também, surpresa, de modo que a dor, o silêncio, a repulsa, o alívio, a insatisfação, etc., tomam conta do leitor, em seus desfechos.

Nesse sentido, nossa primeira hipótese para este trabalho é que, a partir dos contos, pode-se observar o contexto (real e histórico ou, também, metafórico e simbólico) em que, no México, há décadas a violência de gênero vem se tornando cada vez mais alarmante. Desse modo, pode-se partir da perspectiva que os contos colocaram para discussão questões, por vezes, silenciadas na mídia, por exemplo, e que, além disso, eles fazem uma representação de diversos casos vividos por centenas de mulheres todos os dias, no México.

Como segunda hipótese, consideramos os contos como um lugar (discursivo) em que cada leitor possa se sentir sensibilizado e, talvez, tomar coragem de fazer suas denúncias contra qualquer tipo de violência, assédio ou pressão psicológica, quando se sinta agredido ou mesmo presencie nas ruas, local de trabalho ou qualquer outro lugar, qualquer tipo de violência contra o outro, ou, ao menos, se disponha a refletir sobre isso.

Desse modo, nosso objetivo é mostrar como, a partir dessas impressões e reflexões postas em linguagem pelos contos da autora, as políticas públicas possam ser repensadas à luz do contexto atual. Por isso, os contos analisados servem, como, uma mostra de ação ética, no sentido de que fazem uma denúncia do sofrimento de mulheres, no México e em toda a América Latina.

Organizamos o estudo em cinco tópicos. No primeiro e no segundo, traçamos um breve mapeamento sobre mulheres e violência na América Latina atual. Para essa análise, nos apoiamos em alguns estudos como o mapa da violência contra mulheres, por Julio Jacobo Waiselfisz (2015), Rodolfo J. Castro e Renzo Rivera (2015), além de estudos apoiados na discussão sobre a violência de gênero em Ciudad Juarez, por Julia Monárrez (2014), Santiago Gallun Santorum (2014) e Ivana Beatriz Otero (2009). Também nos valem de considerações acerca das relações entre linguagem e escrita na narrativa contemporânea, a partir de textos de Reinaldo Ladagga (2010), Josefina Ludmer (2014) e Karl Erik Schollhammer (2012).

No terceiro, quarto e quinto tópicos, apresentamos os contos e os analisamos em blocos organizados pelo tipo de violência representada ou presente na história narrada. Deste modo, tratamos brevemente de detalhar cada contexto social, econômico e psicológico das personagens com base em estudos sobre redes de intertextuais de gênero, raça, sexualidade e crítica literária feminista, de modo a mostrar a influência da sociedade nos mecanismos que regem os discursos sobre a mulher, no tecido social.

Pode-se, então, considerar que os contos de *Historia de una perdida y otros cuentos* expressam certo desejo de denunciar e tornar público algo aparece apenas como a ponta de um grande *iceberg*, que precisa ser considerado para além daquilo que está vivível na superfície. Esse tom de denúncia é muito importante, especialmente quando trata de denunciar tais questões no âmbito de uma sociedade machista e opressora.

2 Sobre mulheres, violência e escrita na América Latina atual

A violência contra a mulher, que ocorre ao longo dos séculos, por razões culturais, de gênero, econômicas e pela orientação patriarcal de muitas sociedades, ainda permanece no presente, apesar das várias conquistas alcançadas. Entre as conquistas históricas, podemos citar: na Inglaterra, a escrita de *A Reivindicação dos Direitos da Mulher*, em 1792, por Mary Wolstonecraft, considerado um marco da literatura feminista; a luta pela igualdade de direitos para mulheres e para os negros nos Estados Unidos, em 1840; no Brasil, a pianista e compositora Chiquinha Gonzaga foi a primeira mulher a estar à frente de uma orquestra na América Latina, em 1885; Isabel Perón torna-se a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente, na Argentina, em 1974; Comemora-se o Ano Internacional da Mulher, na Argentina, e a ONU promove a I Conferencia Mundial sobre a Mulher, na Cidade do México, ambos em 1975. Essas mulheres e esses acontecimentos tiveram uma função importante na visibilidade do papel social da mulher e, também, na tentativa de construir uma sociedade mais igualitária para todos.

O tema violência contra a mulher vem ganhando, nas últimas décadas, um espaço maior na mídia, na literatura, na política¹ e nas artes e, em consequência disso, chamando a atenção de órgãos governamentais nacionais e internacionais, que começam a criar leis e formas de combater os diversos tipos de violência de que as mulheres são vítimas. Ao longo da história latino-americana, algumas personagens podem ser citadas nesse processo de lutas por direitos e visibilidades, nos mais diversos âmbitos políticos, econômicos e midiáticos. Podemos citar Haydeé Birgin, feminista argentina que se destacou pela contribuição na área da justiça, enfrentando a violência e lutando pela promoção dos direitos das mulheres, a

¹ Nas últimas décadas, alguns países da América Latina elegeram mulheres para a presidência da república. Podemos citar Michelle Bachelet, em 2006 e em 2014 no Chile; Cristina Kirchner, em 2007 na Argentina, e Dilma Rousseff, em 2010 no Brasil. Em 2015, Dilma Rousseff foi empossada para seu segundo mandato. Em 17 de abril de 2016, a Câmara dos Deputados, autorizou o Senado Federal a instaurar processo de *impeachment* contra Dilma, então sucedida pelo presidente interino Michel Temer, que não conta com mulheres no primeiro escalão de seu governo e, nas primeiras 24 horas de exercício do poder, extinguiu o Ministério cujo foco era a proteção e direitos das mulheres, negros e LGBT+.

cantora brasileira Pitty, que, com suas músicas, procura desconstruir estereótipos sobre o feminismo, ou Maria da Penha Maia Fernandes, que foi fundamental para a criação da Lei nº 11.340/2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, que institui mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Por sua vez, sancionada pela primeira presidenta do Brasil, a Lei nº 13.104/2015 altera o art.121 do Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei de Crimes Hediondos, para incluir o feminicídio no rol desse tipo de crime.

No México, o número de mortes de mulheres anualmente é alarmante. Muitas delas são vítimas de seus noivos, maridos, irmãos, etc. As denúncias não acontecem, na maioria das vezes, por vergonha, por medo ou, inclusive, porque os discursos que circulam tanto na mídia quanto no cotidiano que apontam a vítima como sendo a responsável pela violência, algo muito frequente no Brasil, também, o que é inadmissível e aponta para uma face importante da violência contra a mulher, nem sempre considerada: a violência simbólica.

Mesmo a sociedade tendo consciência do bem e do mal, sentimentos do que é justo e injusto, a nossa formação social é adquirida na esfera social à qual pertencemos. As sociedades seguem sempre certos modelos de vida, olhando o passado e pensando no futuro. E existem tradições e costumes preservados. A sociedade patriarcal mantém esses valores, que afetam as mulheres no que diz respeito à liberdade: “Ora a sociedade como um todo julga ultrapassadas as leis e a estrutura política em vigor, ora as considera como perturbadoras da ordem antiga, a ser preservada” (COMPARATO, 2016 p. 21-22).

Essa consciência de que leis e estrutura política são perturbadoras da ordem vem muitas vezes de um ideal de mundo que não corresponde aos costumes e às ideias coletivas. Leis como a Maria da Penha, por exemplo, vêm de instâncias superiores que regulam a vida do cidadão. Mas os valores impregnados pela sociedade patriarcal vigoram na consciência das pessoas, antes mesmo de colocarem normas de comportamento. E sempre vêm de forma hierárquica. Com isso, o combate da violência contra a mulher deve ser algo trabalhado em várias esferas da sociedade, pois, como veremos ao longo deste trabalho, a sociedade tende a ver com normalidade casos de violência que ocorrem todos os dias com mulheres pelo mundo inteiro.

Na tabela abaixo, seguem dados recentes e consistentes da violência contra a mulher publicados pela Fundación Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO). Listam-se os 10 primeiros países do mundo no *ranking* de homicídios de mulheres (por 100 mil habitantes). Nota-se que, dos 10 países listados nas primeiras posições, 7 são da América Latina, fato que nos faz pensar sobre a influencia da cultura patriarcal e do machismo enraizados no âmbito

latino-americano.

Taxa de homicídio de mulheres (por 100 mil).

Posição	País	Ano	Taxa
1º	El Salvador	2012	8,9
2º	Colômbia	2011	6,3
3º	Guatemala	2012	6,2
4º	Rússia	2011	5,3
5º	Brasil	2013	4,8
6º	México	2012	4,4
7º	Moldávia	2013	3,3
8º	Suriname	2012	3,2
9º	Letônia	2012	3,1
10º	Porto Rico	2010	2,9

Fonte: *Mapa da Violência 2015*. Homicídio de Mulheres no Brasil.

Como se sabe, o machismo é o resultado de algo construído a partir das concepções basilares da civilização ocidental, nas quais o papel da mulher foi restringido historicamente ao âmbito doméstico, cabendo somente aos homens a participação em atividades e funções consideradas superiores e de confiança, especialmente no meio político, por muito tempo.

No México, especialmente as mulheres pobres, analfabetas ou que apresentam um nível educacional precário ou baixo tendem a ser as maiores vítimas de violência, bem como são as que menos condições apresentam para enfrentar tal problema. Segundo o documentário *Bajo Juárez - La ciudad devorando a sus hijas* (2006), dos diretores Alejandra Sánchez e Antonio Cordero, o perfil das mulheres vítimas de violência na cidade de Juárez, por exemplo, é geralmente este: jovens, trabalhadoras e pobres que, muitas vezes, vivem sozinhas ou vão para a cidade em busca de trabalho. Um dos casos citados no documentário, que repercutiu muito no México, é o da jovem Alejandra, que foi mãe aos 15 anos e estava decepcionada com amores, pensando somente em ajudar a família e cuidar de sua filha. Segundo o artigo “Ciudad Juárez. Sobrevivir: vidas superfluas y banalidad de la muerte”, de Júlia Monárrez (2014), sobreviver em Ciudad Juárez do ano de 1993 a 2011 é ver a história paradigmática de morte e desprezo pela vida de homens e mulheres. Os feminicídios de centenas de mulheres pobres foram denunciados pelas famílias das vítimas e por ativistas feministas, mas esses assassinatos permaneceram impunes, visto que o próprio governo e as autoridades mexicanas

fazem pouco caso do tema – há sugestões, inclusive, de envolvimento de políticos importantes em eventos criminosos dos quais mulheres foram vítimas, especialmente a prostituição.

As mulheres de Ciudad Juárez (talvez no México) foram convencidas historicamente pela sociedade de que sua posição social era somente servir. A pobreza, falta de estudos e condições precárias de vida as prendiam numa condição social da qual elas, aparentemente, não podem sair. A prostituição, o envolvimento com o tráfico de drogas, a subordinação ao homem era algo tão comum, que raramente se via outra escolha. Podemos dizer que: “Em toda sociedade, o ideário e as estruturas de poder desenvolvem-se nos limites de patrimônio genético, do meio geográfico ou do estado de técnica” (COMPARATO, 2016:499). Observamos em Ciudad Juárez um meio geográfico onde a pobreza, de um lado, almeja a melhoria de vida e a riqueza, do outro lado, a exploração dos mais pobres. Por sua vez, a fronteira com os Estados Unidos traz perspectivas de ascensão econômica para várias mulheres, que lá trabalham, mas também traz o aumento de violência, a impunidade, o abandono.

Por isso, são vários os tipos de violência que as mulheres sofrem no México. Há, por exemplo, a violência psicológica, na qual as mulheres por vezes são ameaçadas de morte, xingadas e humilhadas, o que pode resultar em traumas, ansiedade, depressão crônica ou transtorno de estresse pós-traumático, já catalogados como tipos de violência recorrentes por Julio Jacobo Waiselfisz, no *Mapa da Violência 2015*. Mas há, também, a violência econômica, por meio da qual as mulheres são proibidas de trabalhar e estudar ou, ao contrário, são exploradas em seu trabalho pelo fato de serem mulheres. E há, ainda, a violência física, talvez o tipo mais conhecido de violência, caracterizado pelas agressões corporais, muitas vezes cometidas por cônjuges e parceiros sexuais, mas não só por eles. De certo modo, pode-se considerar

la violencia como un fenómeno social enmarcado por la constitución de las identidades y las desigualdades de género, así como por la devaluación de lo femenino, resaltando el hecho de que la violencia hacia las mujeres está completamente imbricada en las formas de organización y relaciones sociales que sirven de escenario a situaciones y hechos violentos específicos sufridos por las mujeres sólo por el hecho serlo (OTERO, 2009: 108).

Essas questões de repressão da mulher na sociedade atual, na América Latina, e a realidade brutal das mulheres da sociedade mexicana ao longo do tempo afetam diretamente a perspectiva da escrita literária de Cristina de la Concha, colocando-se para a escritora como

uma questão ética que não pode ser silenciada. Na literatura, ela procura possibilidades de responder criticamente à sociedade sobre a violência contra a mulher e de se desvencilhar dos silêncios ante do horror vivido por tantas mulheres em seu país. Nesse sentido, Cristina de la Concha tenta, de alguma forma, colocar em questão feridas abertas pela sociedade mexicana ao longo do tempo. Em *Historia de una perdida y otros cuentos*, o conjunto de histórias narradas tematiza questões de gênero, violência e tensões acerca do feminino, conforme se observa no quadro abaixo:

CONTO	PRINCIPAL SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA OU TENSÃO ENVOLVENDO A MULHER
“Potro del tormento”	Uma menina (criança) presencia uma cena de sexo entre a tia e o tio, mas não compreende o que ocorre. A tia, muito religiosa, faz sexo com o marido por obrigação, apenas para cumprir seu dever como mulher, dentro do padrão estabelecido por sua família e sua religião.
“Mesa polvorienta”	Trata-se de um caso de pedofilia, no qual uma criança e um homem adulto se conhecem, e o adulto conquista a confiança da menina e a estupra, numa casa afastada.
“Chema”	Assédio sexual e moral. Um homem aparentemente sensível e apaixonado está triste por ser “rejeitado”, depois de investidas amorosas à companheira de trabalho. Na realidade, ele é casado e vê a amiga como um objeto sexual a ser conquistado a todo custo.
“Si ella quiso”	Uma mulher pedófila vê uma criança (menina) como uma mulher plenamente consciente de sua sexualidade e pode fazer suas próprias escolhas. A mulher trata a amizade e o carinho da criança como sugestões de intenções sexuais e alega em depoimento que não a violentou, pois a menina queria o ato sexual com ela.
“Encrucijada”	Dilema da mulher entre a liberdade e a “obrigação” de atingir os padrões exigidos pela sociedade, como o casamento ou a profissão.
“Sacidad”	Esposa que sofre de abuso sexual em casa. O agressor (marido) não respeita o tempo de pausa de repouso após parto da mulher, além de ser física e mentalmente sujo, fazendo de sua esposa um objeto sexual.
“Aloa”	Um filho tem dependência do amor da mãe e fica “feliz” depois que seu pai morre e ele pode ter o amor da mãe somente para ele. A narrativa tematiza o incesto, mas também certa ideia de que felicidade dos dois somente seria possível longe do convívio social ordinário com os outros, e é, no entanto, a única do livro com um desfecho positivo.
“Historia de una perdida”	Cenário de violência e ódio. Vontade de matar. Talvez, o mesmo cenário ilustrado seja o vivido em realidade por tantas mulheres mexicanas, todos os dias em agressões verbais e físicas.

Como se pode notar pelo quadro acima, o contexto literário de *Historia de una perdida y otros cuentos* dialoga, direta ou metaforicamente, com o histórico de violência contra a mulher no México, inclusive pelo que ficou conhecido como as “*muertas de Juárez*”.

A cidade de Juárez, localizada no estado de Chihuahua, no norte de México, se tornou conhecida por ter passado por uma onda de ataques que deixou centenas de mulheres mortas ao longo da década de 1990 e nos anos 2000. Os primeiros casos de mulheres assassinadas em Ciudad Juárez começaram em 1993, ano em que foram registrados cerca de 100 casos (Cf. *El País*, *online* 15 de maio 2015). Muitas dessas mulheres tinham ido morar e trabalhar nas “*maquilladoras*²” de Juárez. Em sua grande maioria vindas de outras cidades, as mulheres se encontram sozinhas em Juárez, trabalhando em troca de baixos salários, muitas vezes tendo de fazer horas extras, sem qualquer possibilidade de estudar, por exemplo, ou de realizar quaisquer atividades diferentes do trabalho.

Com o NAFTA (Tratado de Livre Comércio da América do Norte) visando a facilitar o intercambio econômico entre EUA, Canadá e México, mas sendo o México país mais pobre entre os três e apresentando grande desvantagem em termos de balança comercial em relação aos demais, incrementou-se a exploração de mão de obra barata para reduzir custos de produção. Além disso, em Juárez há uma atividade informal e ilegal pautada no tráfico de drogas e na prostituição, que se constitui num elemento importante da economia, juntamente com as fábricas maquiladoras.

Essa mescla de pobreza, fronteira e fábrica com a maioria de mulheres empregadas faz de Juárez uma cidade muito perigosa, com uma população muito pobre vivendo em meio à violência. Muitas mulheres se sentem inseguras, mas não têm muitas outras opções. Algumas tentam buscar apoio em seu círculo de amigas, e outras ficam sem esperança, não sabendo a quem recorrer em caso de sofrer algum tipo de violência, diretamente. Nesse contexto, surgem ações de resistência, que tentam driblar e amenizar a violência:

Progresivamente, el espacio reivindicativo que comenzó en la década de 1980 se fue transformando en un espacio de atención y asistencia a las mujeres en situación de violencia. Se avanzó en la obtención de acuerdos y legislaciones referidas al tema y se crearon, desde entonces, diversos centros de atención para mujeres en situación de violencia en todo país, tanto ONG y grupos independientes, como instituciones dependientes del Estado

² São empresas que importam peças e componentes de suas matrizes estrangeiras, para que os produtos (como carros, computadores, etc.) sejam montados, em geral por trabalhadores que ganham um salário inferior, em outro país. Elas existem no México desde 1965, mas cresceram com a eliminação das alíquotas de importação, a partir do NAFTA, implantado em 1994.

(OTERO, 2009: 110).

Várias teorias são apresentadas para tentar entender as mortes das centenas de mulheres em Juárez. Uma delas sugere que elas tenham sido vítimas de um grupo de pessoas poderosas e influentes (Cf. *Bajo Juárez – la ciudad devorando a sus hijas*). As mulheres eram vistas como objeto sexual para práticas perversas desse grupo. Essas mulheres em geral tinham o mesmo padrão físico e idades semelhantes, e algumas pessoas afirmam que elas eram sequestradas e levadas para lugares escondidos, onde eram abusadas sexualmente e depois eram mortas. Muitas pessoas afirmam que o governo estaria por trás desses acontecimentos macabros e, por isso, esses fatos permaneceram encobertos³. Mas como ver que essa violência está prejudicando centenas de mulheres em Ciudad Juárez se a ética, por melhor que seja, não tem valor se não estiver na consciência do cidadão e se as pessoas não estiverem dispostas a viver eticamente em suas vidas individuais e coletivas (COMPARATO, 2016). Os costumes dos cidadãos só podem ser alterados pela introdução de outros costumes, e isso é feito através da educação, não só de leis.

3 *Historia de una perdida y otros cuentos*

Nos contos de Cristina de la Concha, vê-se, por vezes, a representação de uma sociedade onde a mulher sofre vários tipos de violência, seja no âmbito familiar, no trabalho, etc., o que dialoga visivelmente com o contexto de violência contra a mulher, no México. Um exemplo: em “Sacidad”, uma dona de casa é obrigada a satisfazer os desejos sexuais do marido, sem que este se importe com o que ela deseja ou pensa a esse respeito, o que acaba produzindo, na narrativa, uma espécie de denúncia de sua condição ou de seu papel secundário e objetificado, no microcosmo diegético.

As mulheres, adolescentes e meninas presentes nas narrativas de *Historia de una perdida y otros cuentos* são indivíduos que nem sempre se dão conta, na maioria dos casos narrados, de que alguns abusos já vinham sendo cometidos contra elas há tempos, isto é, de que se trata de práticas rotineiras que, de certo modo, são denunciadas, via representação ficcional. No conto “Mesa Polvorienta”, por exemplo, narra-se a lembrança de um estupro, no qual o agressor é um adulto que tem a confiança da vítima, que, na época, era uma criança. A personagem o descreve como seu amigo de aventuras, demonstrando certa ingenuidade que

³ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=Pu7QE3q_v2U>. Acesso em 02 dez 2017. .

corroborar a sugestão de tratar-se de uma criança ainda muito pequena, no momento da violência sofrida. A denúncia, nesse caso, remete ao fato de que, por vezes, a violência vem do companheiro ou protetor que deveria ser capaz de protegê-la do mal que a cerca ou de lutar contra o problema juntamente com ela ou por ela. Essa falsa proteção se torna algo que, na verdade, projeta uma série de abusos:

Yo hubiera hecho cualquier cosa por él. Lo adoraba, era mi sol, un sol que podía tocar y llevármelo. Oía sus historias de cuatros y nagueles en completo arrobamiento, con el susto a flor de piel. Luego, lo diluía su sonrisa de dentadura clara en medio de la tez curtida por el esfuerzo a la intemperie y su presencia alta, de anchas espaldas (DE LA CONCHA, 2010: 11).

A criança vê o agressor como um protetor, ela o descreve fisicamente como se sua presença fosse uma garantia de aconchego, usando expressões como “costas largas, sorriso branco e pele bronzeada”, mas essa imagem de proteção se desfaz com o desfecho da história narrada, em que a violência se torna evidente para o leitor, assim como para a vítima. Nos contos “Saciedad” e “Mesa polvorienta”, ambos os agressores são aqueles que deveriam garantir o bem-estar e proteger a vítima, por serem pessoas em que as vítimas depositavam total confiança.

Nesse contexto, os homens, por vezes, veem a mulher (ou a criança) como uma propriedade. Com o passar do tempo e a crescente inconformidade das mulheres com o seu papel na sociedade em amplos setores, começa-se, no entanto, um processo de reivindicação por direitos igualitários e contra o domínio patriarcal imposto socialmente a elas. É por isso que, em certo sentido,

El feminismo es un movimiento social resultado de múltiples experiencias, luchas y reflexiones de gran cantidad de mujeres; el movimiento feminista contemporáneo se presenta como un discurso de variadas tendencias pero con bases comunes, aunque a veces difícil de vislumbrar los acuerdos (OTERO, 2009: 107).

A situação de opressão à mulher lhe nega a expressão de humanidade. Historicamente, os homens foram incumbidos a modelar a sociedade sendo seus donos, e à mulher é vedada a total participação nisso. Isso se associa à crença de que mulher é socialmente passiva, de que sua energia deve ser voltada para a família e religião. Nisso vemos que: “O poder, o heroísmo e a modificação do meio são total responsabilidade dos homens” (BONNICI; ZOLIN, 2009: 224). No entanto, hoje cabe à mulher lutar pela mudança desses valores.

Nos contos de Cristina de la Concha, muito dessa violência cotidiana, simbólica e de fato, aparece relatado ou representado. Na ambientação da diegese, a autora investe, por vezes, numa atmosfera familiar, em cujo interior as personagens femininas parecem estar “protegidas”, em suas condições de mães, esposas, donas de casa ou crianças. Nesses relatos, a ficção aponta para o caráter sistêmico e reiterado da violência presente no interior de instituições como a família, o casamento, o sistema de produção etc. Isso faz com que a autora toque num assunto difícil de ser abordado, mas que precisa ser posto em debate. Nesse sentido,

Estas escrituras no admiten lecturas literarias; esto quiere decir que no se sabe o no importa si son o no son literatura. Y tampoco se sabe o no importa si son realidad o ficción. Se instalan localmente y en una realidad cotidiana para “fabricar presente” y ese es precisamente su sentido (LUDMER, 2006).

Podemos imaginar que os contos são ficcionalizações de histórias que podem ser reais ou que poderiam ter sido reais. As narrativas do livro tratam de temas complexos, como os lugares da mulher numa sociedade opressora, de modo a denunciar a violência que ronda a sociedade mexicana, por meio da exposição de crimes e do contexto das vítimas, por vezes vistas, tradicionalmente, a partir de certa perspectiva que mitifica ou simplifica a atuação do agressor, o que faz com que a violência seja, normalmente, posta “debaixo do tapete”. Ao abordar o tema da violência contra a mulher, Cristina de la Concha dá visibilidade à questão, tocando nos pontos nevrálgicos do debate e fomentando uma reflexão crítica sobre as leis e políticas públicas mais seguras e eficazes para tratar desse problema.

Como diz Comparato: “Em qualquer hipótese, para a introdução de novos valores, ou a defesa dos que já vigoram no meio social, não basta o recurso à força. É indispensável um mínimo de justificação ética” (COMPARATO, 2016: 25).

Os bens e valores éticos submetem-se a uma hierarquia, e toda vida ética é fundamentada nos valores que supõem a liberdade de escolha e criam deveres de conduta para a sociedade. Não existe ética cega de valores, não podemos acreditar que a justiça será realizada plenamente ou que um país terá um estado perfeito de liberdade. Pois isso dependerá da forma que a consciência patriarcal será aos poucos mudada, seja com educação ou políticas públicas.

As personagens femininas dos contos *Historias de una perdida y otros cuentos* são indivíduos que estão presentes em várias esferas da sociedade, são mães, esposas, funcionárias, estudantes, crianças etc. Por sua vez, o papel que elas exercem na sociedade talvez seja o que é esperado tradicionalmente delas, não o que elas esperam para suas vidas ou

aquilo a que teriam direito. É um jogo. Nas narrativas, por vezes, vários questionamentos são abordados sobre a relação mulher *versus* sociedade, do que emergem questões como: qual são os papéis da mulher na sociedade atual? Qual poder a mulher tem sobre seu corpo? Como a sociedade patriarcal enxerga uma mulher que não segue o padrão imposto a ela?

No conto “Encrucijada”, por exemplo, a personagem protagonista vive um dilema e tem que decidir entre viver sua vida a partir de suas próprias escolhas ou viver de acordo com o papel imposto pela sociedade em que ela está inserida. Conforme o narrador,

Frente a la disyuntiva de dejarlo o dedicarse a él, buscaba en su bagaje de experiencia lo que le diera respuesta. ¿Cómo decidirlo? Dejarlo representaba la libertad, no tener que levantar los párpados que pesadamente le impiden volver a la conciencia por las madrugadas (DE LA CONCHA, 2010: 38).

O narrador faz um jogo de certo modo lúdico no conto, apontando o “outro” no masculino por toda a história narrada, sugerindo tratar-se, talvez, de um marido, por exemplo, mas, ao finalizar a história narrada, o mesmo narrador deixa sugerido que se trata de um livro, o que chama a atenção para a ambiguidade da escrita, que dialoga simultaneamente com o contexto e com a linguagem narrativa.

Esse dilema entre suas próprias escolhas e as que a sociedade lhes impõe é algo que muitas mulheres vivenciam. São vários os questionamentos que a mulher se faz nos dias de hoje, por exemplo: como devo me portar para ser aceita pela sociedade? Devo deixar que os conceitos patriarcais conduzam minha vida? Meus desejos que não são de acordo com a “maioria conservadora” devem ser reprimidos? Essas questões, assim como a violência física, o abuso sexual, etc., emergem também em filmes como *O silêncio das Inocentes* - 2010 (Direção de Ique Gazzola), *Terra Fria* - 2006 (Direção Niki Caro) ou em músicas recentes, como “Roar” (Katy Perry), “I’m Ok” (Christina Aguilera), “Til It Happens To You” (Lady Gaga) etc. Temos urgência de colocar esse tema em pauta na televisão, em jornais, em revistas, nas escolas, nas novelas, mas será que isso é suficiente para mudar os conceitos pré-estabelecidos e vigentes ao longo da história? Ou esse enfoque ainda é precário e sem o total apoio dos órgãos responsáveis por cuidar de nossa integridade física e moral?

A argentina Ivana Beatriz Otero comenta que

Por un lado, a nivel estatal sólo hay una política de emergencia, es decir, de asistencia en el momento crítico, los criterios no están unificados, no hay una línea consensuada a seguir por las Comisarías de la Mujer ni regulaciones para las asociaciones civiles que trabajan la temática. Por otra parte, las campañas son muy esporádicas y en

cuanto a la relación con el aparato judicial y las soluciones a largo plazo, están desarticuladas y operan débilmente (OTERO, 2009: 112).

A própria recepção inicial dos contos de Cristina de la Concha foi, de certo modo, o retrato de como a sociedade tem urgência de falar sobre violência de gênero e, deste modo, tentar repensar preconceitos estabelecidos ao longo dos séculos pela sociedade patriarcal. Podemos observar o relato da recusa aos contos, na “Nota Final” de *Historia de una perdida y otros cuentos*:

En 1997, después de la primera edición de esta *plaquette*, fui severamente criticada y rechazada. Me topé con un cambio de actitud de personas en las que confiaba, muchas miradas hacia mí cambiaron, miradas que no comprendí por el odio que reflejaban (DE LA CONCHA, 2010: 52).

A urgência em colocar em pauta um modo de tratar desse problema converte-se, de certo modo, em *modus operandi* da própria escrita, ela mesma expressiva daquilo que Laddaga (2006) chama de estéticas da emergência. Mesmo sabendo que esse tipo de violência não se limita a uma classe social, credo ou etnia, temos que pensar o que leva isso a acontecer e que fatos históricos e culturais foram pertinentes para que esse tipo de violência fosse visto por muitas pessoas como algo tolerável, e que a origem da violência é algo de que ela não pode fugir, pois faz parte da cultura em que ela está inserida enquanto mulher, mexicana e escritora.

Nesse contexto, a mídia é uma grande influenciadora e formadora de opinião e tem grande peso sobre a romantização da violência contra a mulher, em novelas e filmes. Como diz Comparato, “As técnicas de propaganda religiosa ou política, tal como publicidade comercial, agem sobre a consciência coletiva, para reforçar antigas convicções, ou inculcar novas” (COMPARATO, 2016: 25).

Podemos citar como exemplo o filme inspirado nos livros da autora britânica Erika Leonard James, *50 tons de cinza* (2015), que trata de um relacionamento abusivo que foi romantizado pela autora. O personagem Cristian Grey tem um comportamento manipulador, que exerce certo poder de controle sobre a vida da estudante Anastacia, antes mesmo de terem algum relacionamento. Outro exemplo a citar é a minissérie brasileira *Ligações perigosas* (2016), que gerou polêmicas, em uma cena em que a personagem Augusto estupra a personagem Cecília. Essa cena foi apresentada como uma romantização grave de violência contra a mulher. A minissérie foi inspirada em obra literária homônima, assinada por Pierre Chordelos de Laclos. O estereótipo feminino negativo, largamente difundido nas mídias, é um grande obstáculo na luta pelos direitos das mulheres. Somando-se a isso a negligência e

impotência das instituições que estão designadas para dar apoio às vítimas, entende-se por que estas muitas vezes não concluem as denúncias nem levem os casos aos tribunais:

Una de las cuestiones recurrentes en este tipo de problemática es que las mujeres se pregunten acerca de las causas y orígenes de la violencia (si es por venir de hogares violentos, si es debido al alcohol o a las drogas, si es por alguna enfermedad, etcétera), también se interrogan acerca del miedo que las paraliza y no las deja “salir”, o acerca de la idea, también habitual, de que sus parejas dejarán de ser violentas “tal vez él cambie” (OTERO, 2009: 126).

A violência contra a mulher não está restrita ao âmbito familiar. As mulheres cada vez mais estão cercadas dos mais variados tipos de assédio, por exemplo, em transportes públicos, ou são assediadas moral e sexualmente em seus lugares de trabalho e lazer. Cristina de la Concha explora esse tipo de violência, que é praticada em lugares onde a mulher batalhou por anos para estar, como por exemplo, o mercado de trabalho.

O papel da mulher na sociedade patriarcal foi, basicamente, ser mãe e cuidadora da família, mas, com o passar dos anos, o movimento em prol da liberdade de expressão feminina e do bem-estar da mulher fez com que muitas mulheres reivindicassem não mais serem somente mães e esposas, mas a serem também trabalhadoras, cidadãs com os mesmos direitos dos homens e serem donas de sua própria história de vida. Muitas mulheres não se encaixam nos padrões estabelecidos pela sociedade, permanecendo, então desintegradas. Esse universo de tensão também está presente nas narrativas de Cristina de la Concha. Nesse contexto, Comparato cita algo a respeito:

Advirta-se, desde logo, que tais princípios são normas de comportamento social, e não simples ideias de vida, ou premissas doutrinárias. Como normas de comportamento humano, os princípios éticos distinguem-se nitidamente não só das regras do raciocínio matemático, mas também das leis naturais ou biológicas. (COMPARATO, 2016: 498)

Na citação acima, mostra-se que justamente o princípio ético não cabe nas limitações das chamadas leis naturais nem biológicas e, portanto, a mulher não pode ser tratada como inferior a partir de pressuposições supostamente científicas pautadas em distinções como macho e fêmea, fisicalidade etc.

4 Mulher como objeto de prazer na sociedade patriarcal

Analisando os contos “Sacidad”, “Chema” e “Potro del Tormento”, podemos ver que, em todos eles, a história narrada implica assédio e abuso sexual. Em “Chema”, o colega de

trabalho usa de todos os artifícios romantizados no imaginário social, como flores e poemas sentimentais, para tentar uma aproximação erótica com a colega de trabalho. Ao observarmos detalhadamente a narrativa, podemos perceber que eles se conheciam na empresa, fazendo projetos, cursos e atividades publicitárias juntos, e saíram um pouco do contexto do trabalho para o familiar (em alguns momentos as famílias estiveram juntas na roda de amizades): “Desde que él comenzó a trabajar en la empresa, hicieron amistad; entre proyectos, cursos, actividades publicitarias y reuniones con familiares se fueron conociendo” (DE LA CONCHA, 2010: 19).

Há que lembrar que, nos últimos 50 anos, a mulher vem ganhando espaço no setor de trabalho, deixando aos poucos o trabalho doméstico e inserindo-se profissionalmente em outros espaços. Cada vez mais, empresas de vários setores, antes ocupados basicamente por homens, buscam mão de obra feminina especializada. A mulher da história narrada no conto “Chema” é uma profissional que, ao saber que o colega casado do trabalho era seu admirador secreto, se enfurece e recusa o possível envolvimento sexual:

–No... ¡¿Cómo?! ¿Pero cómo se te ocurre hacer una cosa así? ¿Quién te has creído que eres? ¿Quién piensas que soy? Me ofende que hayas creído que yo... ¡Me das asco; me vomito en ti! (DE LA CONCHA, 2010: 20).

Como em muitos outros espaços no tecido social, a personagem, na história narrada, é uma mulher que vive em desigualdade com os homens, diferenças de oportunidades no mercado de trabalho e também diferença salarial. Existe uma desigualdade de gênero em nossa sociedade que foi enraizada pela cultura patriarcal, na qual a mulher não é vista como indivíduo autônomo que tem pensamento próprio e escolhas próprias e muito menos donas de seus próprios corpos dentro das relações amorosas, o que facilita aproximações desrespeitosas como esta, na qual a personagem masculina se sente no direito de tratar a colega de trabalho como possível objeto de diversão (sexual).

A visão que temos do homem, na narrativa, é a de um colega machista que pensa em se aproveitar da proximidade laboral da colega para obter “favores sexuais”. Ele não a vê somente como uma profissional capacitada, mas como um objeto a ser usado para seus desejos sexuais, fora do casamento: “Pasando su mano por la cintura de su mujer comenzó a besarla en el cuello al tiempo que le susurraba: – Me moría por verte” (DE LA CONCHA, 2010: 21).

Seu casamento não está em crise, e seu relacionamento com a esposa é, aparentemente, feliz. O homem, na narrativa do conto, não vê limites entre o trabalho e o desejo sexual, entre

mulher e objeto de prazer, entre público e privado. Aliás, ele se sente injustiçado ao receber uma negativa como resposta da colega de trabalho. A banalização da imagem da mulher, como se sua aparência e seu corpo fossem mais importantes do que os outros aspectos que a identificam como um indivíduo autônomo, torna evidente a tensão entre a condição do homem e a da mulher no contexto laboral, uma vez que, mesmo inserida nele, a mulher, na narrativa, é vista como sendo parte de um universo privado e, talvez, pertencente ao homem (que, nesse caso, pretende requerer para si as funções de parceiro sexual e, por extensão ou sinédoque, namorado ou marido, ainda que não o seja). O sentimento de poder no homem, na história narrada nesse conto, corresponde ao seguinte:

Do conjunto dos sentimentos que agitam o coração humano, a ambição de poder é, mesmo, uma das paixões mais avassaladoras. Ela se manifesta na generalidade dos indivíduos e grupos sociais, em todas as culturas e épocas históricas, alimentando e sendo alimentada pelo ideário vigente (COMPARATO, 2016:27).

Por sua vez, a esposa, nesse mesmo conto, está em casa esperando o marido chegar da jornada de trabalho. Vemos que ela não tem outra atividade além de cuidar da casa. Nota-se, pois, uma equiparação entre as duas mulheres, na narrativa – postas no âmbito do atendimento (real ou esperado) ao homem e condenadas a serem socialmente menores e submetidas a ele. No entanto, há que lembrar que sua colega de trabalho se recusa a ter um envolvimento sexual com ele e, nesse sentido, interrompe tal fluxo de controle e naturalização das relações homem-mulher pautadas no machismo, na história narrada.

É essa relação de servidão que aparece em “Saciedad”, em cuja história narrada vemos que a dona de casa serve somente como objeto sexual do ou para o marido: “Él se fue aproximando, como cada día, hambriento, demandando su atención, y ella, pronta, a la misma hora, tenía lo necesario en su lugar, listo a recibirlo” (DE LA CONCHA, 2010: 38).

Sabemos que nossa sociedade, ao longo do tempo, viu o homem como o provedor e a mulher como sua dependente. Pois a cultura patriarcal espera que as mulheres sejam econômica e psicologicamente dependentes dos homens, visto que eles devem ser quem provê o sustento da família, enquanto cabe à mulher cuidar dos fazeres domésticos, dos filhos e proporcionar ao marido o prazer sexual, no momento em que ele quiser. As relações de poder entre casais espelham as relações de poder entre homem e mulher na sociedade em geral, e a esfera privada torna-se uma extensão da esfera pública, desse modo.

Em “Saciedad”, mesmo sentindo nojo do marido, a esposa tem relações sexuais com ele, para não provocar sua ira. É descrita em detalhes toda a repulsa que ela sente por ele, que

ela vê como um homem sujo e autoritário, que lhe exige o cumprimento do seu suposto “dever de esposa”:

Voraz, él se lanzaba sobre el manjar que tomaba presuroso con sus manos grotescas y oprimía con los dedos mugrientos para desgarrarlo y zampárselo en unos instantes en que escapaban salpicones de saliva. Engullía brusco, obsceno, provocando sus náuseas que se tragaba para no disgustarlo; y cerraba los ojos para no ver el brillo asqueroso que escurría de su piel por el esfuerzo que le producía ese placer (DE LA CONCHA, 2010: 39).

O marido, neste conto, não vê a mulher como indivíduo dono de seu próprio corpo, e sim como propriedade. As relações sexuais de ambos são, para ela, torturantes e dolorosas, a ponto de ele não considerar, sequer, as necessidades de descanso e recomposição da esposa após o parto:

Todos eran tan conocidos ya, que no había escapatoria, ni aunque aludiera a una enfermedad lo aceptaría, nunca se lo permitió, ni cuando nacieron los hijos de dio descanso (DE LA CONCHA, 2010: 38).

A construção cultural patriarcal segundo a qual o corpo da mulher é de domínio do homem (pai ou marido) está enraizada na nossa cultura. Podemos perceber isso em músicas *funk*, sertanejas, no forró, etc., cujas letras, por vezes, mostram a mulher apenas como objeto de desejo sexual, para o homem.⁴ Segundo Alós,

Quando se afirma que o sexo e o corpo são construções culturais, não se quer em nenhum momento negar a materialidade dos corpos ou a existência de uma diferença anatômica entre homens e mulheres. O que se busca é a relativização do caráter naturalizado e essencializado do sexo e do corpo (ALÓS, 2017: 127).

Nos dois contos acima, há similaridades a esse respeito: em “Sociedad”, a história narrada se desenvolve num espaço privado, ou seja, a casa dos personagens, lugar onde a mulher deveria se sentir segura e livre dos maus tratos da sociedade. Mas é dentro desse espaço que ela sofre os piores momentos de sua vida e é abusada sexualmente por quem deveria amá-la e respeitá-la. Em “Chema”, por sua vez, ainda que o espaço não seja o meio privado do casamento, o colega de trabalho usa métodos de aproximação para ter relações mais íntimas com a colega, transformando o trabalho num equivalente do casamento, no que

⁴ Podemos citar algumas canções em que o machismo e a violência contra a mulher figuram como algo normal ou, inclusive, como algo bom, para o homem, ao menos: “Baile de Favela” (MC João), “Loira Burra” (Gabriel, O pensador), “Mulher não manda em homem” (Grupo Vou Pro Sereno), e “Minha Nega na janela (Germano Mathias), entre outras.

tange às relações de força e poder entre o homem e a mulher, numa perspectiva patriarcal: “Lo trató como guiñapo. ¿Por qué había pisoteado su orgullo?” (DE LA CONCHA, 2010: 18-19), se pergunta o colega, pela via do discurso indireto livre. Sua visão sobre ela é a de que, sendo uma profissional muito solícita nos serviços do escritório, ela deveria ser, também, muito solícita para satisfazer seus desejos sexuais.

No conto “Chema”, apesar de a mulher estar em condições econômicas semelhantes às do homem, ela ainda é vista como objeto sexual. Em “Saciedad”, a mulher, que aparece apenas circunscrita ao âmbito privado, não tem escolha ou voz ativa em casa. Seu único trabalho é servir ao seu marido, mesmo a contra gosto. Neste conto, a raiz patriarcal está arraigada, também, aos princípios da própria mulher, uma vez que ela serve ao marido sem questioná-lo. Nota-se, além disso, que a lógica implicada em ambos os contos é a mesma, ainda que os desfechos narrativos sejam diferentes em cada um deles.

Em “Petro del Tormento”, a tia é o objeto sexual. Na história narrada, ela está com um rosário na mão durante o ato sexual, fazendo suas orações, como se aquele momento fosse uma penitência diária a ser cumprida por ela, como se ela tivesse obrigação de atender aos desejos eróticos do marido, mas isso é, para ela, um tormento que ela suporta com a ajuda de suas orações: “Los labios de su tía parecían murmurar algo con fervor, con el ceño fruncido haciendo énfasis en su imploración” (DE LA CONCHA, 2010:10).

Cabe lembrar que, em vários momentos da história da humanidade, houve diferentes modos de se falar e conceituar o sexo e as relações eróticas. Sempre houve necessidade de se falar sobre o tema, e uma dessas formas é a confissão criada pela Igreja Católica. Anselmo Peres Alós diz o seguinte a esse respeito:

Entre as diferentes estratégias de pôr o sexo em discurso, Foucault identifica, na prática da confissão, estabelecida pela Igreja Católica, um importante ponto de ruptura. É a partir do rito da confissão que se estabelecem a nomeação dos desejos e o reconhecimento de determinadas formas de expressão da sexualidade como “pecado” e “perversão” (ALÓS, 2017: 123).

O espaço narrativo de “Petro del tomento”, fundamentalmente, é um quarto cheio de objetos e símbolos religiosos do cristianismo, como a cruz e o rosário. Podemos ver que o sagrado e o profano se misturam, como se fossem pecado e perdão, certo e errado, alegria e tristeza, desejo e obrigação:

Las cuentas de un rosario caminaban sobre sus nudillos, detenidas por el pulgar que marcaba la cuenta correspondiente; del borde de la cama, la cruz precedida de sus avalorios oscuros colgaba titilando insegura. Una sombra

negra sobre su semblante hacía más ardua la murmuración de la tía; muecas y ligeros, casi imperceptibles gemidos, irrumpían en su rezo. Era una lucha ahogada entre el dolor y la oración (DE LA CONCHA, 2010: 10).

A mulher, na passagem acima, usa de elementos católicos para que Deus perdoe seus erros e do marido, espécie de penitência para seus pecados. A crueldade está no fato de ela ver-se como culpada (por razões religiosas) pela violência cometida pelo marido. De fato, para o cristianismo,

todo pecado acarreta consigo duas consequências: culpa e castigo. Ainda que, pela extinção da culpa, seja também perdoado o suplício da morte eterna no inferno, todavia, como declarou o Concílio de Trento, Nosso Senhor nem sempre perdoa os remanescentes dos pecados e a pena temporal que lhes é devida (MONTFORT, 2017).

Por sua vez, Foucault comenta o seguinte, sobre a prática da confissão e certa visão do pecado defendidos pela igreja católica:

A confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizadas para produzir a verdade [...] confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias [...]. Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissões. (FOUCAULT, 1994, p. 59 apud ALÓS, 2017, p123).

O catolicismo tem muitos fiéis no México, e também é uma religião patriarcal e conservadora, como, aliás, as religiões monoteístas, no Ocidente. Apesar de que, “na era moderna, os costumes tradicionais tendem a perder importância perante o direito emanado de instâncias de poder no Estado, [...] nem sempre a lei consegue abolir usos e costumes de fundo religioso” (COMPARATO, 2016: 22). Em “Potro del Tormento”, a mulher segue a cartilha religiosa e doutrinária do catolicismo romano. Como a própria igreja mostra que o pecado sempre está atrelado às consequências e às pessoas, a personagem entende que se “purificar” para encontrar a salvação. Ela está se purificando do pecado carnal que a martiriza, sem dar-se conta, talvez, da violência cotidiana e naturalizada que sofre.

5 Relações de confiança X violência

O conto “Mesa Polvorienta” mostra uma história de pedofilia que choca o leitor pelos fatos que se sucedem e por como se passa na cabeça da criança, que é a vítima. Já o outro conto a ser analisado neste tópico é “Si ella quiso”, que também trata de um caso de pedofilia,

mas, dessa vez, pela perspectiva de uma mulher pedófila.

A narrativa de “Mesa Polvorienta” começa com uma história de amizade que parecia ser perfeita. Ambas as personagens – um homem adulto e uma menina – contavam histórias uma para a outra, compartilhavam aventuras etc. É uma amizade marcada pela admiração da criança pelo adulto, aparentemente bem consolidada, em que há confiança de ambas as partes:

Yo hubiera hecho cualquier cosa por él. Lo adoraba, era mi sol, un sol que podía tocar y llevármelo. Oía sus historias de cuatrerros y nagueles en completo arrobamiento, con el susto a flor de piel. Luego, lo diluía su sonrisa de dentadura clara en medio de la tez curtida por el esfuerzo a la intemperie y su presencia alta, de anchas espaldas. Compartía sus aventuras conmigo. Yo iba detrás de él, divertida con el hurto de alimento para sus pollos, o con el espionaje de la intimidad del caporal y su mujer (DE LA CONCHA, 2010: 11).

A pedofilia pode ser vista a partir de diferentes perspectivas, como a médica, a midiática (em geral associada à espetacularização), a social etc. A palavra deriva do grego *ped(o)*, *paído* que, traduzida, dá a ideia de criança, e *philos*, que expressa o conceito de amigo. A classificação médica diz que deve ser vista como transtorno de preferência sexual como perversão sexual. Já na ótica da sociedade e da mídia, ela é vista como algo criminoso, sujo, de conduta libidinosa, que deve ser severamente punida. Há, em todas essas perspectivas, uma percepção inegável: a criança não está preparada (física e psicologicamente) para a iniciação sexual. Além disso, um ato de pedofilia constitui-se numa violência, aliás, talvez uma das manifestações possíveis do estupro.

No conto “Mesa polvorienta”, o contexto das personagens parece familiar: eles estão numa cabana abandonada do avô da personagem que conta a história, isto é, a menina. Como podemos observar, no entanto, o amigo que a violenta escolhe o local porque sabe que lá não haveria mais ninguém: “Una tarde caminamos hasta el maizal y se le ocurrió meterse en la cabañita abandonada de mi abuelo, que desde la muerte del viejo se había cerrado con candado y a la que nadie volvió a entrar” (DE LA CONCHA, 2010: 11-12).

Ele tenta acalmá-la, brinca com suas mãos, e os dois começam a rir. Aparentemente, é uma brincadeira inofensiva, mas, de repente, ele começa a observar por entre as janelas se há pessoas por perto. Note-se uma ambiguidade, pois não fica claro se tudo estava previamente planejado ou se ele apenas se aproveita da situação, por mais que haja sugestão do planejamento anterior:

Comenzamos a reír; jugueteaba con las manos a picarme en el cuerpo y yo

trataba de devolver el juego. Se puso serio de repente. ‘Qué pasa?’, pregunté, ‘¿viene alguien?’. Avanzó hacia la entrada y fue dándole vueltas a la casita observando por cada ventana (DE LA CONCHA, 2010:12).

Ao observar que não há ninguém mais por perto, mostra-se preocupado e sugere o delito. A criança diz, na história narrada: “Cuando terminó la inspección y giró hacia mí, tenía abiertos los pantalones. En un instante estuvo cerca, con dureza en la mirada. Y en el siguiente, cayó todo su peso enorme, inmenso, sobre mí” (DE LA CONCHA, 2010: 12-13). É Neste momento que o abuso sexual é, de fato, consumado. A personagem demonstra tristeza pelo abuso que sofreu, porém o que torna a situação ainda mais cruel é o fato de que, no momento do abuso, a vítima era uma criança que sequer compreendia o que lhe estava acontecendo. Note-se que o que fica mais evidente de sua impressão, além do desconforto do peso do agressor sobre seu corpo, é a sujeira da mesa empoeirada, já evidenciada no próprio título do conto:

Con velocidad, hizo movimientos desconcertantes; luego sentí frío y torceduras. Me colocaba en una posición extraña que lastimaba mis extremidades. Todo terminó con un estallido húmedo, lacerante, en la entrepierna. Después lloré. Un líquido caliente escurría por los muslos. Y pregunté y lloré (DE LA CONCHA, 2010:13).

O dado mais impactante da história narrada vem no último parágrafo: “No sé exactamente cuándo ocurrió. Lo que sí recuerdo muy bien es que el borde de la mesa me llegaba hasta aquí, concluyó, señalando con la mano extendida a la altura del mentón” (DE LA CONCHA, 2010: 13). A indicação da altura da criança em relação à mesa confirma tratar-se de alguém totalmente inocente em relação ao abuso, incapaz de defender-se, inclusive. Tal detalhe se amplifica, pois fica sugerido que somente muito tempo depois (a vítima já é adulta ao narrar a história) ela pôde compreender o que tinha lhe acontecido, assim como as circunstâncias da violência.

No conto “Si Ella Quisó”, por sua vez, podem-se acompanhar as tentativas de uma mulher pedófila de defender-se diante de um juiz, a respeito do abuso cometido contra uma menina. Na história narrada, podemos ver a ótica de pensamento do agressor. O fato de o agressor ser uma mulher talvez provoque certo espanto no leitor, pois a relação de gênero estupro/pedofilia, na maioria dos casos, parte de um agressor do sexo masculino, ou ao menos é assim que se costuma pensar. Talvez isso se deva a que

grande parte daquilo que se entende por relações de gênero está constituída através das próprias *representações* de *gênero*. Ou seja, a literatura, o

cinema, os anúncios publicitários e as telenovelas, ao representarem através de seus discursos papéis definidos para homens e mulheres, contribuem para a construção das relações de gênero (ALÓS, 2017:128).

Vejamos o primeiro parágrafo da narrativa:

– Sí, lo hice; tenía que hacerlo. No pude evitarlo... Ella me provocó, ¿cómo iba a resistirme? Me miraba con sus ojos pícaros, me hacía señas y yo iba, tenía que ir (DE LA CONCHA, 2010: 22).

Nesse trecho da história narrada, vemos a culpabilização da vítima, que sofreu a agressão ou o abuso. A agressora tenta, de todas as formas, argumentar que ela foi vítima das supostas artimanhas da criança, pela roupa que estava usando, pelo olhar, o sorriso, etc. Há nisso um claro propósito da personagem de naturalizar o abuso como sendo parte de um processo corriqueiro de sedução. Por sua perspectiva, é como se todas essas “artimanhas” fossem justificativas do consentimento da vítima:

– Y la miraba fijo para que no se me fuera lo que decía. Y pues cómo no iba a ver sus facciones tan finitas, delicadas, su boca juguetona y su cabello cayéndole en los hombros. Ella me lo estaba pidiendo; tienen que creerme. Bajaba sus pestañas grandes; y me miraba de reojo, si me estaba coqueteando. Por eso lo hice (DE LA CONCHA, 2010: 22).

A concepção da agressora leva à culpabilização da vítima. Há nisso traços do machismo, pois a cultura machista determina que a mulher teve uma conduta inadequada quando é vítima de violência, principalmente se essa violência é de cunho sexual. A mulher é questionada sobre as roupas que usava, o jeito que falava, o horário em que estava sozinha na rua ou em lugares públicos, até sobre o jeito de andar, etc.

Vemos que em “Si ella quiso” a agressora não mostra nenhum comportamento de arrependimento ou sentimento de culpa, sequer considera ter cometido um erro. O único arrependimento sugerido é o de ter sido descoberta:

Comencé a bajar mis dedos por debajo de su vestido; ella como que no quiso pero la reconforté: “¿qué no sientes rico?”, le pregunté. Dijo que sí. Si a ella le gustaba, claro; le gustó cuando la toqué. Eso era lo que estaba esperando. Le subí la falda y dijo que mejor no, “pero si es sólo para que sientas bonito”. “Bueno”. Ella sabía, sabía bien lo que yo estaba haciendo. Le hablé despacito, haciéndole cosquillas en la cintura y comenzó a reír, con su risa de cascada y sus labios sensuales que tanto me excitaban. Subí mi mano hasta su cintura y le bajé los calzones hasta sus piernas torneadas; las apreté contra las mías. Se puso a manotear y a chillar. No la dejé gritar, le dije que se callara, que si no, le iba a pegar. Su carita se descompuso. La tomé, sí, la hice mía porque tenía que serlo. Ella se lo buscó (DE LA CONCHA, 2010: 23).

Algumas vezes, essa forma de culpabilização é sutil e inconsciente, levando mulheres a não denunciarem os abusos sofridos por se acharem culpadas de tais acontecimentos, pois muitas são constrangidas acerca de qual abertura deram para que a violência ocorresse. A culpabilização da vítima é uns dos fatores pelas quais mulheres em todo mundo mantêm sem denúncia vários casos de violência sofrida. Na narrativa de “Si ella quiso”, no entanto, tal silêncio é descortinado, na medida em que a história narrada trata do julgamento da agressora, num tribunal.

6 A banalização da violência na sociedade

Vamos finalizar a análise dos contos observando dois breves textos de Cristina de la Concha: “Historia de una perdida” e “Moscos”, este último publicado em *Fárragos y álveos*, de 2007. Nesses dois contos, podemos observar representações da realidade da violência de gênero no México, de modo bastante claro. Desde 1993, familiares de vítimas e ativistas feministas em Ciudad Juárez vêm dando a conhecer o feminicídio de mais de centenas de meninas e mulheres pobres, assassinos que estão impunes até hoje. Os corpos são encontrados torturados e mutilados, na maioria das vezes no meio do deserto. O Estado, por sua vez, nega toda a responsabilidade, banalizando as mortes, em alguma medida. Podemos fazer uma ponte com a citação a seguir:

Algumas declarações públicas que descrevem “mulheres” como uma categoria social distinta, com status inferior, remontam ao século XVIII. É o caso do documento *Some reflections upon marriage* [Algumas reflexões sobre o casamento], Mary Astell, datado em 1730, que ironiza a sabedoria masculina e despoetiza as relações existentes na sociedade familiar. Ela questiona o fato de o poder absoluto não ser aceito no estado político, por ser um método impróprio para governar seres racionais e livres, mas existir na família. Do mesmo modo que questiona o fato de todos os homens nascerem livres e todas as mulheres nascerem escravas (ZOLIN, 2007: 220).

Muitas vezes vemos o despreparo do Estado em tentar solucionar os casos de violência contra a mulher. Seria interessante salientar que se fossem vários homens sendo mortos e os corpos encontrados em condições brutais, talvez, o Estado tivesse outro olhar – esta é a sugestão de Cristina de la Concha, no conto “Moscos”.

“Historia de una perdida” é um conto que já se inicia de modo violento (violência verbal), expressando o ódio e a vontade de matar, neste caso, do marido:

Ahora sí, desgraciada”. Se levantó de un salto para ir detrás. La cara fruncida, las cejas marcando la furia de sus ojos y, respirando casi jadeante, se presentían los oleajes de sangre que le subían a la cabeza confundiendo sus ideas. Tenía que acabar de una vez (DE LA CONCHA, 2010: 47).

Reprimido su arrebató, se deslizó sigiloso. Debía ser cauto. Las pupilas encendidas escudriñaron estancia, sala, comedor. “Ahora sí, no te me vas a escapar”, mascullaban sus pensamientos. Despacio avanzó por el pasillo, volteando para un lado y otro. No estaba por allí. “Pero sé que estás”, le susurraba. “Te oigo nerviosa, buscas. Estás buscando y yo te busco a ti. Ven acá”. Escuchaba sus movimientos cerca, distantes, hacia la derecha, lejos, por la puerta del fondo. Allí entró y cerró con cuidado. Silencio. Se quedó inmóvil, reconcentrando sus sentidos, ni a sus ojos permitió el parpadeo. Cualquier error la pondría a su merced. Esperó. Sintió tan ruidosa su respiración que la suspendió por unos instantes; debía oír a aquella y dar fin al martirio del que lo hacía objeto. Ya no más, no lo toleraría; terminarlo era la única salida y empuñaba con decisión el arma (DE LA CONCHA, 2010: 47-48).

Alegórico, de certo modo, o conto expressa a violênciã que mulheres mexicanas vivenciam diariamente, inclusive nas relações íntimas ou afetivas. O feminicídio é, como nomeamos, os crimes contra as mulheres pelo simples fato de as vítimas serem mulheres, que inclui vários tipos de abusos, como físicos e sexuais. Ao longo da história, no entanto, por vezes “o impacto das torturas, das mutilações em massa, dos massacres coletivos e das explorações aviltantes faz nascer nas consciências, agora purificadas do mal, a exigência à dignidade da pessoa humana” (COMPARATO, 2016: 499). Essa violênciã mostra que mulheres são agredidas e que o medo toma conta de cada uma delas. Sua respiração, seu movimento, tudo faz com que o agressor sinta mais raiva, qualquer movimento diferente que a mulher faça seja algo que a possa condenar a vida ou a morte. Talvez uma consciência a esse respeito justifique o tratamento desse tema ao longo das narrativas de Cristina de la Concha.

Por sua vez, a alegoría mais evidente dos feminicídios em Juárez aparece em “Moscos”, em cuja história narrada homens são alegorizados por mosquitos que tentam, a todo custo, picar a pele de uma jovem mulher:

No perdían oportunidad de lanzarse hacia ella en cuanto la veían venir, y ella ya no lo soportaba más, no toleraba ya que la rondaran buscando la forma de picarla mientras ella buscaba la de esquivarlos, la de evitar el agujijón que la acosaba por introducirse entre su epidermis, la de desviarlos de su camino, de su roce, de su proximidad y callar su sonido (DE LA CONCHA, 2007, p. 29).

Vemos, nesse trecho de “Moscos”, o assédio sexual que a mulher enfrenta todos os dias em Juárez, além da sugestão das investidas agressivas e violentas dos homens às mulheres,

conotada pela relação homem-mosquito e ferrão-pênis, seja nas ruas, escola, trabalho ou até mesmo na própria casa. Nesse sentido,

O modo com que a crítica feminista lê a literatura, calcado nos pressupostos teóricos do feminismo, constitui-se a partir de contradições culturais socioculturais que fazem emergir a relação entre sexo e gênero. Em decorrência dessa origem, é natural o fato de essa tendência crítica não encerrar um modelo explicativo homogêneo e monolítico. Daí o complexo de visões e práticas [...], articuladoras ao redor de um objetivo básico: analisar e contestar a estrutura patriarcal de nossa sociedade, por meio da análise da constituição dos gêneros e da opressão de um gênero sobre o outro (BONNICI;ZOLIN, 2007: 238).

Outro trecho que “Historia de una perdida” faz também referência alegórica a mosquitos:

Entonces, con la furia contenida por largo tiempo y toda su fuerza, lo descargó. Y allí quedó: sangre y algo blancuzco, que parecían sus vísceras, comenzaron a asomarse del traje verdinegro aplastado (DE LA CONCHA, 2010:49).

Os mosquitos incomodam a personagem, assim como os homens que tentam seduzi-la a todo custo, mesmo que ela não queira. Esse assédio sofrido é algo comum na vida das mulheres de Ciudad Juárez.

Esses dois contos falam da violência contra a mulher, numa releitura dos casos das muertas de Juárez. Em “Historia de una perdida” o agressor sente prazer no medo da vítima, torna-se cauteloso para surpreendê-la num momento de vulnerabilidade. Para o agressor, a vítima não tem chances de vida. Ela precisa morrer. Ele não quer uma luta, ele quer pegá-la de surpresa, pelas costas, para que ela não tenha chance de escapar. Quando ele consegue golpeá-la, vê sangue e algo esbranquiçado (por sinédoque, o sangue é das mulheres mortas em Ciudad Juárez, muitas vezes virgens, e a substância esbranquiçada é a prazer sexual masculino no momento da violência, esperma, portanto). Em “Moscos” a mulher já não aguenta tanto assédio dos mosquitos (homens), põe roupas para que os mosquitos não a assediem. Até que ela se revolta sai à caça desses mosquitos/homens, colocando seu armamento em ação e atraindo-os, justamente ao tirar a roupa e oferecer-se para ser picada. Ela derruba-os um a um, numa espécie de vingança (ou justiça que o Estado não fez).

Já na década de 90, quando tal barbárie contra mulheres aumentou consideravelmente, foram criadas diversas organizações não-governamentais que prestam apoio as famílias das vítimas de feminicídio. Mas somente isso não é eficaz se o governo mexicano não tomar para

si a responsabilidade e assumir que Ciudad Juárez precisa urgentemente de leis mais severas e investigação imparcial para acabar com esses feminicídios, que tanto assustam as mulheres dessa cidade.

Para Comparato: “Os preceitos de direito ou princípios jurídicos são três: viver de modo honesto, não lesar ninguém e atribuir a cada pessoa o que lhe foi pertence” (COMPARATO,2016:492). Eles formam a base do direito comum, denominado direito civil. Esses princípios do direito regem a vida ética. A crítica feita por Cristina de la Concha trabalha em interferir e desconstruir o caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas ao longo dos anos. Com isso, ela implica promover mudanças de mentalidade em relação às convenções sociais.

A autora Cristina de la Concha mostra, nesse sentido, como as mulheres mexicanas são agredidas, ao serem assediadas todos os dias. Ao mesmo tempo, denuncia a banalização dessa violência pela sociedade. A banalização das mortes em Juárez, por exemplo, gera cada vez mais medo e sensação de impunidade.

7 Considerações Finais

Nos dias atuais a violência de gênero vem sendo mais discutida. Isso nos permitiu, nesse trabalho, lançar um olhar crítico a situações cotidianas de risco para a mulher na sociedade. Nesse percurso, procuramos analisar os contos de *Historia de una perdida y otros cuentos*, de Cristina de la Concha, centrando-nos no trabalho crítico de representação e denúncia da violência contra a mulher, no México, especialmente associada aos feminicídios em Ciudad Juárez.

É a partir dessa visão que buscamos ler, no presente trabalho, contos que mais parecem relatos testemunhais dessa violência. Em *Historia de una perdida y otros cuentos* o aspecto central é, justamente, a representação de uma sociedade em que a mulher sofre vários tipos de violência, seja no âmbito familiar, de trabalho, social, etc.

As narrativas mostram como a sociedade impõe regras e condutas às mulheres, tentando subsumi-las às normas sociais ou à naturalização da violência. Contra tal *ethos*, há um imperativo feminista que move a escrita de Cristina de la Concha, cujo objetivo é lutar pela igualdade e por melhorias das condições sociais da mulher, no México. Mesmo que o movimento feminista tenha sido pouco valorizado nos séculos passados, trata-se de um movimento político amplo, que está alicerçado a crença de que as mulheres podem ocupar

uma posição igualitária na sociedade, em todos os âmbitos. Vemos que já temos algumas conquistas, como o direito a voto, licença maternidade, igualdade salarial, prática de esportes, presença no meio acadêmico, etc. Dessa maneira, os contos de Cristina de la Concha são, também, um material de denúncia pela via da estética e da linguagem, acerca da mulher mexicana, em tempos modernos e contemporâneos.

RESUMEN

VIOLENCIA DE GÉNERO EN CUENTOS DE CRISTINA DE LA CONCHA

Sabrina Neves da Silva

Este trabajo se propone analizar la violencia de género en México representada en las situaciones dramáticas de los cuentos de *Historia de una perdida y otros cuentos* (2010), de Cristina de la Concha. Se hace un breve comentario sobre el feminicidio en América Latina y sobre cómo la cultura patriarcal influye en la violencia física, psicológica y sexual contra las mujeres representadas en las narrativas. La narrativa apunta la atmósfera caótica acerca del patrón normativo sobre la mujer en la sociedad, de lo que emerge muestra una crítica provocadora de perturbaciones privadas y públicas, en las historias narradas.

Palabras-clave: Feminicidio; Cristina de la Concha; Mujer en la literatura; Literatura hispanoamericana; Mujer y Patriarcalismo.

Referências

ALÓS, Anselmo Peres. *Leituras de contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade*. Santa Maria: UFSM, PPGL; [Brasília]: CNPq, 2017.

ALÓS, Anselmo Peres. *Raíces e rumos: 25 anos de institucionalização da crítica literaria feminista na pós-graduação brasileira*. Cadernos pagu (41), jul/dez, p.455-469, 2013.

ARRAES, Jarid. *A objetificação e hipersexualização da mulher negra*. 2014. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/2014/09/04/objetificacao-e-hipersexualizacao-da-mulher-negra/>> Acesso em: 17 janeiro 2017.

BOGADO, Fernando. *El asedio de la realidad: límites de la categoría de “posautonomía” y de “etnogafía del presente” en las formulaciones críticas de Josefina Ludmer y Beatriz Sarlo*. Universidade Nacional de Rosário, 2015.

CASTRO, Rodolfo J.; RIVERA, Renzo. *Mapa de la violencia contra la mujer: La*

importancia de la familia. Revista de Investigación, Arequipa: v.6, p.101-125, 2015.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. *Informe de la reunión internacional sobre estadísticas e indicadores de género para medir la incidencia y evolución de la violencia contra la mujer en América Latina y el Caribe*. La Paz: Naciones Unidas, 2001.

COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DE LA CONCHA, C. *Fárragos y álveos*. México D. F.: Morvoz, 2007.

DE LA CONCHA, Cristina. *Historia de una pérdida y otros cuentos*. San Pedro de los Pinos: Solar Servicios Editoriales, 2010.

DE LIMA, Iana Alves. *O que é objetificação da mulher?* 2016: Disponível em: <<http://www.politize.com.br/o-que-e-objetificacao-da-mulher/>> Acesso em: 15 janeiro 2017.

DE PAULA, Verônica. *Pedofilia crime ou doença? A falsa sensação de impunidade*. Disponível em: <<https://eduardocabette.jusbrasil.com.br/artigos/121937989/pedofilia-crime-ou-doenca>> Acesso em: 10 outubro 2017.

GALLUR, Santiago Santorum. *Análises cuantitativo del uso del término feminicidio en los titulares de las noticias sobre los asesinatos y desapariciones de mujeres en Ciudad Juárez*. Agencia de Noticias CIMAC. Universidade Autónoma de Ciudad Juárez, 2014.

GEBRIM, Luciana Maibashi; BORGES, Paulo C. Corrêa. *Violência de gênero. Tipificar ou não o femicídio / feminicídio?* n°202, abr/jun, Revista de Informação Legislativa: p.59-75,2014.

LADDAGA, Reinaldo. *Estética de laboratorio*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2010.

LANG, Mirian. *¿Todo el poder? Políticas públicas, violencia de género y feminismo en México*. Iberoamericana, III, 12, p.69-90, 2003.

LUDMER, Josefina. *Literaturas posautónomas*. Disponível em: <<http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v17/ludmer.htm>> Acesso em: 30 junho 2015.

LUDMER, Josefina. *Notas para Literaturas posautónomas III*. Disponível em: <<https://josefinaludmer.wordpress.com/2010/07/31/notas-para-literaturas-posautonomas-iii/>> Acesso em: 30 junho 2015.

MODELLI, Laís. *Feminicídio: Como uma cidade mexicana ajudou a batizar a violência contra mulheres*. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38183545>> Acesso em: 15 novembro 2017.

MONÁRREZ, Julia. *Cuidad Juárez. Sobrevivir: Vidas superfluas y banalidad en la muerte*. El Colegio de la Frontera Norte, México, 2014.

MONTFORT, Associação Cultural. *O sacramento da penitência*. Disponível em:

<<http://www.montfort.org.br/bra/documentos/catecismo/penitencia/#1-XII>> Acesso em: 22 janeiro 2017.

OTERO, Ivana Beatriz. *Mujeres y violencia. El género como herramienta para la intervención*. Universidad Nacional de San Martín. Política y Cultura, nº32, p.105-126, 2009.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, nº29. Brasília: jan/jun, p.27-53, 2007.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Realismo afetivo: evocar realismo além da representação*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, nº39. jan/jun, p.129 – 148, 2012.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil*. 1ª edição. Brasília: Flacso,2015.

WEBSTER, Willian. *Confissão e Penitência – Uma análise bíblica e histórica. Parte 1*. 2016. Disponível em: <<http://respostascristas.blogspot.com.br/2016/02/confissao-e-penitencia-uma-analise.html>> Acesso em: 17 janeiro 2017.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoría Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.